



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT1 Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguísticas

**A CONSTRUÇÃO ÉTNICA FEMININA NO ROMANCE AS VELHAS
DE ADONIAS FILHO**

Bárbara Albuquerque da Paixão¹

Cleudes Cotias Santos²

Manuella Moura Miranda³

Resumo: Pretende-se deslindar a narrativa *As velhas* do autor Adonias Filho considerando-a como literatura caracterizadora da representação histórica, social e cultural da região baiana cacauceira com o viés da construção étnica feminina.

Palavras-chave: Literatura. Formação étnica. Cultura.

¹ Graduada em Filosofia e Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA. Mestranda em Linguagens e Representações na Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA. barbara.apaixao@gmail.com

² Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA. cleudessantos@gmail.com

³ Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia – UESB/BA. Mestranda em Linguagens e Representações na Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA. manumourass@hotmail.com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

A estreia de Adonias Filho como escritor aconteceu com o ensaio *Renascimento do homem* (1937) no qual expôs seus posicionamentos sobre a estética, a história e a política. Para ele, a partir da Renascença foi estabelecido outro cânone artístico:

As formas divinas doadas pelos gregos foram abandonadas e a arte adquiriu sentido puramente mecânico, pois os critérios científicos, naturalísticos e universalista passaram a ter valor estético no julgamento da obra de arte. (ADONIAS FILHO, 1937, p. 47-49).

Segundo o autor, o homem se condicionou a perfectibilidade através do racionalismo, da técnica e da reforma social e, a literatura se bifurcou em duas tendências antagônicas: a primeira, transformada em instrumento de tese política que revela a vida do homem moderno e a segunda, contrária a politização da literatura que aborda a multiplicidade de vidas e a dissolução da personalidade.

A posição estética de Adonias Filho (1937, p. 25) se entrelaça à ideia de que o homem não seria apenas um ser racional, mas também metafísico “pois não pode ser cópia do social e da natureza e precisa voltar-se para os valores estéticos e transcendentais do ser e da existência”. Preocupado em descrever infortúnio do ser humano, por meio de uma sondagem psicológica, seu principal tema não poderia ser outro se não o destino humano,

Aceitá-lo como aceitamos a fome e a tristeza, saber que encarna uma realidade de maior valor porque também lírica. Seu universo, em constante clima de inverno, poderá encher-se de sombras e cores. Poderá ser ainda a própria realidade absorvida. As faces do destino são muitas. Transfigurando-se em aflição, pode nascer como sendo crime e remorso, simples inquietude ou um outro inferno mais trágico. Pode ser também o vazio. Mas, ainda que venha tão vivo e decisivo como a forma de um corpo, jamais estancará dentro de si o sofrimento. (ADONIAS FILHO, 1937, p.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

16).

Nessa direção, em *Aspectos sociais do romance brasileiro* (1970, p. 97), Adonias Filho defende que a literatura brasileira está organicamente ligada ao povo brasileiro, constituída de base social e popular. A partir desse entrelaçamento, nasceram as constantes literárias: lirismo, drama, documentários e os movimentos temáticos: indianismo, escravismo, sertanismo e urbanismo:

Essa ficção primitiva atingirá a ficção erudita para caracterizá-la nas constantes literárias e nos movimentos temáticos. E, se por um lado, os contos populares antecedem e marcam socialmente o romance, por outro lado, os autos populares – como os dos *Pagés* na matriz indígena, o do *Congo* na matriz africana e o da *Nau Catarineta*, na matriz ibérica - também antecedem e já marcam a dramaturgia brasileira. (ADONIAS FILHO, 1970, p. 155).

O autor explica que o processo de entrecruzamento cultural próprio do romance brasileiro tem um caráter regional, pois advém do imperativo histórico e geográfico. Para ele, a partir de 1930 a moderna ficção brasileira “se reencontraria com o material nativo (a paisagem, a vida, os problemas, o povo). A auscultação se faria em agrupamentos regionais, como por exemplo, no bloco nordestino, no qual é evidente a preocupação social.” (ADONIAS FILHO, 1970, p. 8). Os problemas sociais impactariam todos os ficcionistas e o romance viria a adquirir seu plano de existência: “quem quer que deseje conhecer esse mundo, conhecê-lo no sentido de compreensão à sombra de todos os valores culturais, basta voltar-se para o seu romance, pois pode encontrar sua identidade.” (ADONIAS FILHO, 1970, p. 16).

Concomitantemente, a literatura sul-baiana, expoente literário que teve sua ascensão a partir da década de 1930, ocupa lugar na representação literária nacional. Não só devido à riqueza e diversidade de autores e textos, mas também por divulgar um estilo e uso próprios remanescentes do atavismo que os



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

engendrou.

Conforme Dantas (2010), o cacau seria seu principal referente. Seus escritores⁴ narraram a simbiose entre a terra, os coronéis, os jagunços e os trabalhadores rurais. Encarregaram-se de configurar a cultura, as etnias, a geografia do Sul da Bahia caracterizados pela literatura como tempos de poder, violência, lutas e derramamentos de sangue.

Dessa maneira, é possível afirmar que se produziu uma estética sintonizada com as demais formas de expressão literárias ao evidenciar temas tão controversos quanto peculiaridades: da labuta diária, da sucessão dos dias e do viver cotidiano regional. Assim, o principal objetivo dessa representação era “[...] escrever uma língua mais acessível ao povo, era tomar da língua falada para transformá-la em instrumento literário.” (ADONIAS FILHO; AMADO, 1965, p. 47-8).

Esse enfoque estético parece estar condicionado às perspectivas do movimento modernista, que tinha dentre as finalidades promover a identidade nacional ancorado na aspiração de (re)conhecimento do Brasil; “[...] é toda uma linhagem de pensamento e pesquisa acerca da terra e da gente brasileiras, para reconhecer e revelar o país e o povo, a fim de dar aos brasileiros a consciência da sua civilização e cultura, e consolidar a sua fisionomia.” (COUTINHO, 1959, p. 48-49).

As descrições e narrativas das riquezas naturais – as matas, os rios, os pássaros e a caça abundante –, bem como as características dos habitantes – indígenas, negros, brancos, coronéis, jagunços, trabalhadores rurais e pequenos proprietários, “tinha até mulher e menino” (MATTOS, 2013, p. 16) etc –, podem servir de pretexto, seja para elevar, seja para desarvorar condições ao procurar

⁴ As principais obras que abordam literariamente a história da região do Sul da Bahia são: *Maria Bonita* (1914) de Afrânio Peixoto; *Cacau* (1932), *Terras do sem fim* (1943), *São Jorge dos Ilhéus* (1944), *Gabriela cravo e canela* (1958), *Tocaia Grande* (1984) de Jorge Amado; *Servos da morte* (1946), *Memórias de Lázaro* (1952), *Corpo vivo* (1962), *Léguas da promessa* (1968), *Luanda Beira Bahia* (1971) e *As velhas* (1975) de Adonias Filho; *O incêndio* (1978) e *Água preta* (1975) de Jorge Medauar; *10 contos escolhidos* (1984) de Hélio Pólvora; *Comecinho do Poço fundo* (1979), *Machombongo* (1986), *Os magros* (1992) de Euclides Neto; *Berro de Fogo e outras histórias* (1966) de Cyro de Mattos.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

estabelecer tanto a beleza natural, ainda selvagem, quanto as relações conflitantes ligadas diretamente ao poder adquirido a partir da valoração econômica do cacau.

Essa exposição de temas fez com que a fronteira simbólica da região fosse, em muito, ampliada. Prova disso seria a propagação dos ficcionistas e suas obras em diversos países e línguas, por meio da perspicácia narrativa dos conflitos aqui existentes. De certo modo, a disposição natural (o excessivo em contraste com a miséria, o abandono e a solidão) acomodou ficcionalmente os aspectos ideológicos, sociais e políticos, possibilitando à manifestação literária suas mais diversas estruturas.

Essas construções podem resultar dos embates valorativos implicados nesse contexto e das abordagens recorrentes na expressão literária dessa região, simbolizada na imagem do “fruto de ouro⁵”. Geralmente, as representações desse fruto e de suas implicações comparecem vinculadas, e quase sempre condicionadas, à presença do coronel de cacau – personagem marcante responsável por representar um grande proprietário rural acrescido de poder econômico que desfruta e controla a política e a cena social da região.

Enquanto argumento principal desse tema, evidencia-se a vontade de poder associada ao acúmulo cada vez maior de terras e, conseqüentemente, da ampliação das lavouras de cacau.

Entretanto, ao nos debruçarmos sobre as narrativas de Adonias Filho,

⁵ A expressão “fruto de ouro” é comumente utilizada para se referir ao cacau, cuja ascensão econômica se deu a partir do final do século XIX, quando as colheitas situavam o Brasil (principalmente a região sul-baiana) entre os maiores produtores do mundo. Há uma vasta literatura em torno da monocultura do cacau que aborda a ascensão econômica dessa região e a imagem de potência econômica, o que é simbolizado pela aparência desse fruto de cor amarelo dourado. A diversidade literária, de cunho científico, histórico, bibliográfico e filosófico, entre outros, conecta a imagem social do cacau ao poder financeiro, tanto em sua ascensão quanto em seu declínio. O próprio Adonias Filho (1976, p. 22) ilustra essa imagem do cacau: “[...] ainda hoje, se conserva a expressão, o ter muito cacau, por ter muito dinheiro.” Não se sabe ao certo onde surgiu esse termo, se é utilizado de maneira pejorativa ou se está mais vinculado a uma memória remanescente. Caracterizações do “fruto de ouro” podem ser encontradas em *O visgo do cacau*, de José Aroldo Castro Vieira (1994), *Terras do sem fim* e *São Jorge dos Ilhéus*, de Jorge Amado (1943; 1944), *Berro de fogo e outras histórias*, de Cyro de Mattos (2013), *Coronelismo, enxada e voto*, de Victor Nunes Leal (1949), *Os coronéis do cacau*, de Gustavo Falcon (1995), e *Os donos dos frutos de ouro*, de Anônio Fernando Guerreiro de Freitas (1979), entre outros.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

percebemos que esse lugar representado por ele estava distante da repetição imagética em torno do fruto de ouro, a saber: da imagem construída em torno do cacau fabuloso. O saudosismo marcante propagado nos vários tipos de textos, histórias e causos acerca do imaginário cacauero insiste em resguardar expressões peculiares alusivas ao tempo do paraíso na terra como o “tempo bom do coronel”, capaz de impressionar forasteiros e visitantes desavisados, além de ser comumente perpetuadas no cotidiano grapiúna⁶ contemporâneo.

Essa representação não ocorre apenas nas alusões libidinosas às mulheres com cheiro de cravo e cor de canela, aos “desbravadores” que dizimaram tribos inteiras ou à escravização de pessoas e morte de crianças. Ela está presente nas demonstrações de violência gratuita, na traição consanguínea, na vingança desmesurada, na utilização do Estado como instrumento particular, na xenofobia, no racismo e machismo dessa sociedade contemporânea.

Em Adonias Filho há um regionalismo de interação e de formação cultural: elas são as responsáveis por toda a urdidura ficcional na sua aventura por um tempo submisso à perícia através das vozes pouco divulgada nesse cenário.

Em *As velhas* (1975), Adonias Filho narra alegoricamente a formação da região sul baiana. Homenageando as mulheres, o autor narra a construção étnica a partir do feminino, mescla e dialoga os traços físicos e culturais do índio, do negro e do branco, com marcante originalidade, considerando-a como literatura constituída de linguagem plurissignificativa e caracterizadora de discursos interligados e representativos da formação histórica, social e cultural dessa região.

As velhas, ambientada no cenário sul baiano, relata a história de um filho

⁶ Há várias designações para o termo “grapiúna”. Entre elas, o de pássaro branco e preto. Para Euclides Neto (1997, p. 32), no *Dicionareco das roças de cacau e arredores*, esse é um termo pejorativo, pois “[...] que nada acrescenta aos moradores da tribo do cacau.” Por seu turno, Jorge Amado, em *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior* (1969), utilizou-o para designar os ilheenses e estrangeiros que se estabeleciam na zona cacauera. Termo novamente utilizado em *São Jorge dos Ilhéus* (1944) e *Cacau* (1982), que, dessa vez, se refere à região do cacau (terra), aludindo-o aos donos de Ilhéus, os coronéis. Já Adonias Filho, em *Sul da Bahia, chão de cacau: uma civilização regional* (1976), refere-se também ao coronel. Em todos os exemplos citados, compreende-se que a designação “grapiúna” está vinculada à região do cacau e a seus moradores.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

que a pedido de sua mãe sai à procura dos ossos do pai. Esse filho, Tonho Beré, deixa de ser protagonista e passa a ser coadjuvante a partir do momento em que se depara com sua tarefa. Nesta busca, depara-se com as velhas: A mãe, Tari Januária,

Olhinhos vivos de saquim nas pálpebras inchadas, o coque dos cabelos acinzentados atado atrás pelo cipó-imbé, pele enrugada que o sol curtira, lábios murchos sobre as gengivas sem dentes. O rosto redondo, acobreado, da índia pataxó. Baixinha, quase nanica, mãos miúdas, pernas secas, graveto é o corpo. (ADONIAS FILHO, 1977, p. 5).

A índia Tari Januária, deseja os ossos de seu marido branco, Pedro Cobra, morto à traição nos conflitos existentes entre índios e plantadores de cacau. A busca pelos ossos do pai, “– eu quero os ossos!” (ADONIAS FILHO, 1977, p. 10) é o argumento principal da obra.

Na busca pelos ossos do pai, Tonho Beré encontra-se com a segunda velha: Zefa Cinco, “cabelos brancos de algodão, lisos e cheios, tão compridos que podem servir de xale. O vestido de chita, do pescoço aos pés, verdadeiro balandrau encardido pela penugem das taboãs. (ADONIAS FILHO, 1977, p. 56-57), que é a guardiã dos ossos. “A velha”, que também teve os pais mortos à traição, torna-se mulher de um branco estrangeiro. Entretanto, seus filhos foram dilacerados por onças tangidas por Pedro Cobra, vindo a matá-lo também. Entre as perdas acumuladas ao longo da vida, Zefa Cinco sonhava com a volta da filha.

Lina de Todos, filha de Zefa Cinco, passou a ter este nome porque Timóteo Lapa, o raposo, apostou-a em jogo de carta e, “[...] como mulher era algo caro nas terras do cacau Lina transformou tal demanda em agressão; passando a negociar o próprio corpo.” (SACRAMENTO, 2014, p. 140).

À contenda narrada, Tonho Beré encontra Zonga, a terceira velha:

[...] já não tem um só dente, pernas compridas e secas, peitos murchos, magra que até parece uma tábua e negra como um carvão. Frente à cama, no quarto que cheira a mastruço, o nicho



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

que abriga em barro as imagens de São Sebastião e São Benedito de mistura com as de Iansã e Oxossi. Ela, tão velha quanto o nicho, ali permanece tardes inteiras. Ninguém tem mais paciência com as pessoas, devoção pelos santos e bondade com os bichos que Zonga. (ADONIAS FILHO, 1977, p. 67).

Zonga, abre e revela os caminhos para Tonho Beré encontrar os ossos do pai e moldar a trama: Tari Januária, a índia pataxó, presa aos valores de sua tribo, quer reaver os ossos do marido para que sirvam de cabos de facões para os filhos. Zefa Cinco, a assassina de Pedro Cobra, nega-se a entregar os ossos, desde que os mensageiros, Tonho Beré e Uirá, filho e neto de Tari Januária, tragam de volta a filha Asa que fugiu com Binô de Itororó. Zonga, negra, ocupa uma comunidade agrária e deu pouso ao casal há algum tempo. Lina de Todos instaurou uma estrutura matriarcal em que os filhos, netos e agregados encontravam-se sob seu domínio. Asa é sequestrada pelo filho mais novo de Lina de Todos, Pedro de Lina, vindo a falecer, deixando uma filha pequena, Marimari. Esta se torna mulher de um neto de Lina, mas foge com Uirá.

Essas histórias entrecruzadas na formação histórica da região sul baiana através do matriarcado abordam personagens que reivindicam algo do seu passado: Januária não consegue reaver os ossos do marido porque Zefa Cinco não sabe onde enterrou o corpo de Pedro Cobra. Zefa não chega a rever sua filha Asa, porque essa já está morta. Lina não foi capaz de deter a filha de Asa. Zonga, por sua vez, também tem sua existência presa à memória de perdas.

Em *As Velhas*, Adonias Filho parece querer reconstruir essa memória ancoradas nas cartografias culturais e de gênero. Através do entrecruzamento das personagens femininas, o autor reconstrói e homenageia as mulheres que foram fundadoras e vítimas da sociedade do cacau.

Segundo Sacramento (2010) os papéis essencializados definidos para a mulher, como recolhimento, recato e passividade, alcançam uma dimensão alentada, em resposta aos valores locais, plenos de hibridismo, em que a síntese



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

sugerida pelas metanarrativas teleológicas tornam-se poucos críveis. Ainda segundo a autora, ocorre aquilo que foi defendido por Butler (2003) de que o gênero constitui um fenômeno inconstante e contextual de relações culturais e historicamente convergentes: “O gênero, como qualquer identidade, radica-se antes em um efeito, por meio de uma performatividade construída, em um processo contínuo de diferenciação.” (SACRAMENTO, 2010, p. 141).

Na narrativa adoniana, *As velhas* são constituídas de memória enquanto sujeitos históricos. As personagens descritas por Adonias Filho revelam uma voz silenciada pela sociedade grapiúna contemporânea, detentora de autoritarismo e violência. A revisitação da construção étnica feminina e a multiplicidade cultural presentes na obra de Adonias Filho colocam-nos à contramão do simbólico fruto de ouro reformulando a construção da identidade: as marcas do feminino – indígena, negra e branca – nos remetem à representação do real e não à uma simulação imbricada pelo discurso canônico e próprio da civilização grapiúna baseada no silenciamento de vozes.

Referências

ADONIAS FILHO, Aguiar. **As Velhas**. Ed.: Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1977.

ADONIAS FILHO, Aguiar. “Experiência de um Romancista”. Conferência no Simpósio de Literatura Brasileira em Brasília. Promovido pela Fundação Cultural do Distrito Federal, VIII Encontro Nacional de Escritores, 1973. Publicada no jornal **Minas Gerais**, Suplemento Literário, 9 de fevereiro de 1974, pág. 2.

ADONIAS FILHO, AGUIAR. “Aspectos Sociais do Romance Brasileiro”. **Revista Brasileira de Cultura**, nº 3. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, janeiro/março 1970, pp. 147/160.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.**

Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil.** 2. ed. vol. III. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

DANTAS, Robson Norberto. **Entre a arte, a história e a política:** itinerários e representações da “ficção brasileira” e da nação brasileira em Adonias Filho (1937-1976). 2010 Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas.

MATTOS, Cyro. **Berro de fogo e outras histórias.** 2. ed. Ilhéus: EDITUS, 2013.

SACRAMENTO, Sandra. “Representação feminina e memória em As Velhas de Adonias Filho”. **IPOTESI - revista de estudos literários**, 2014. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaiotesi/files/2011/05/14-Representa%C3%A7%C3%A3o-feminina-e-mem%C3%B3ria-em-As-Velhas-de-Adonias-Filho.pdf> Acesso em 23/11/16.